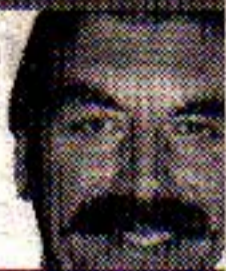


Uma simples flor

ARTUR COSTA
PROCURADOR-GERAL
ADJUNTO



Naquele dia, há muitos anos, tinha assado de boca em boca, por um pequeno grupo de jovens, a notícia de que alguém muito especial iria a Coimbra. À hora aprazada, esse pequeno grupo aguardava num café da Baixa. Às tantas, entrava pela porta dentro, acompanhado por sua mulher, um homem agarrado a muletas, boné na cabeça ao estilo neo-realista, movendo com dificuldade o corpo e a cara, onde luziam uns óculos de aros pretos. Uma voz grossa, tonitruante, festejou o encontro: ó Castrim! (assim se chamava o homem, que era o tal alguém muito especial). O da voz grossa era Paulo Quintela, que se levantou da sua habitual mesa junto à vidraça que dava para a rua e que era partilhada quase sempre por Rui Namorado e outros intelectuais de Coimbra. O café era (será preciso dizê-lo?) A Brasileira, que agora já não é café, mas um estabelecimento de roupas de senhora. O nome ainda lá está, na sua grafia de há décadas atrás, a marcar uma ausência inacreditável. Mas que querem? As cidades transformam-se, não é? O que era deixa de ser, às vezes com uma facilidade que nós deixa perplexos. Num instante se arruma com a vida de um café cheio de memória

citadina, como se se deitasse para o lixo um par de botas velhas. Pois, o Castrim! Chegou, sentou-se à mesa de Paulo Quintela, ficou lá a falar um pouco e depois foi para a mesa dos tais jovens, que era esse o seu fito. Eram todos colaboradores do "Jvenil" - uma página semanal do "Diário de Lisboa", também já defunto, de que ele era o impulsionador, o incentivador de talentos literários, o crítico generoso e esclarecido. Quantos escritores, poetas e ensaístas de hoje não deram lá os primeiros passos, guiados pela mão protectora e vigilante de Mário Castrim. O Castrim do "Canal da crítica", lembram-se? Uma crítica aturada, infatigável, imperdoável e imperdível. Imperdoável, porque ele não perdoava e não lhe perdoavam os do caduco regime que ele ajudou a desmoronar; imperdível, porque era a implacável consciência crítica desse regime, visto através de um dos seus principais canais de propaganda e divertimento. Imprescindível Castrim! O futuro polémico Castrim do chamado PREC. Lembro-me de, naquele dia de há muitos anos, estar acomanhado até ao comboio-foguete de regresso a Lisboa, pois também colaborava no "Juvenil" com uns contarellos. Tempos de belos sonhos que o Castrim alimentava. Agora, partiu-se para sempre. Aqui lhe deixo esta flor.

*Artur Costa escreve no JN,
semanalmente, às quintas-feiras*